

© 2008 Karin Strobel

Editora da UFSC

Campus Universitário – Trindade  
Caixa Postal 476  
88010-970 – Florianópolis/SC  
Fones: (48) 3721-9408, 3721-9605 e 3721-9686  
Fax: (48) 3721-9680  
edufsc@editora.ufsc.br  
www.editora.ufsc.br

Direção editorial e capa:  
*Paulo Roberto da Silva*

Revisão técnico-editorial:  
*Aldy Vergés Maingué*

Editoração:  
*Victor Emmanuel Carlson*

Revisão:  
*Sueli Fernands*

Ficha Catalográfica

(Catalogação na fonte pela Biblioteca Universitária da  
Universidade Federal de Santa Catarina)

---

S919i Strobel, Karin  
As imagens do outro sobre a cultura surda / Karin  
Strobel. – Florianópolis : Ed. da UFSC, 2008.  
118p. : il.  
Inclui bibliografia.  
1. Surdos. 2. Cultura. 3. Surdos – Aspectos.  
I. Título.

CDU: 362.42

---

ISBN 978-85-328-0428-0

Reservados todos os direitos de publicação total ou  
parcial pela Editora da UFSC  
Impresso no Brasil

“... e naquele instante, observando minha  
filha surda de três anos brincando no jardim com  
outras crianças, eu a tomei pela cintura e a sentei no  
muro.

À minha frente, sua bela e pequenina figura  
iluminada pela alegria e o céu às suas costas.

Lembro-me bem daquele momento mágico e  
lá no fundo do meu coração agradeço:

– Obrigada, meu Deus, por tê-la enviado para  
junto de mim!”

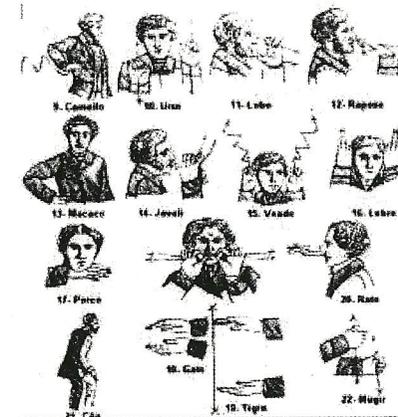
## Capítulo 7

### In (ex)clusão dos surdos: prática inter (cultural)?

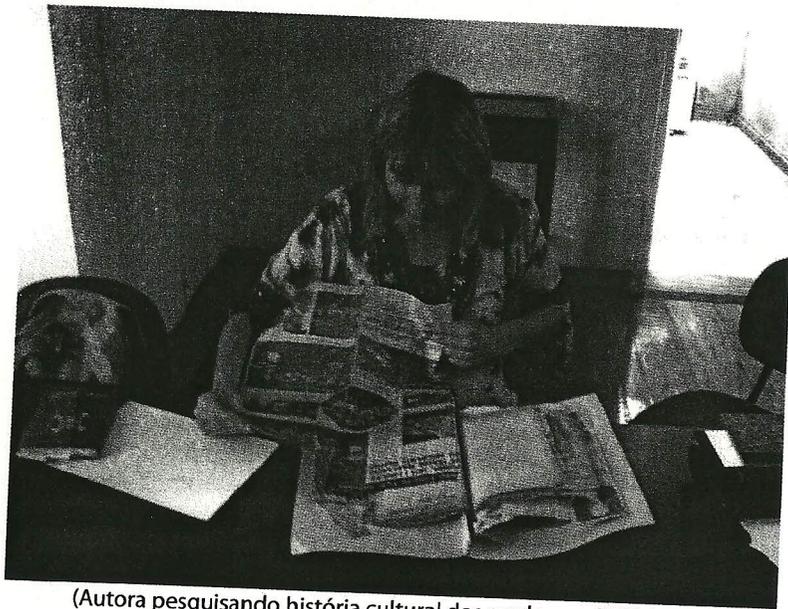
*A inclusão [...] é ser respeitado nas suas diferenças e não ter de submeter a uma cultura, a uma forma de aprender, a uma língua que não é a sua.*

*(Gárdia Vargas)*

A ponderação realizada sobre cultura surda e identidades surdas nos capítulos anteriores impõe a necessidade de refletirmos sobre inclusão ou exclusão dos surdos em vários espaços sociais. Estas discussões auxiliam na compreensão de diferentes contextos da história de surdos em que se dão as diásporas, as lutas, os conflitos culturais e diferentes identidades analisando-os com base nos Estudos Surdos, onde podemos buscar a realidade cultural do nosso tempo.



(Língua de Sinais de Flausino de Gama / ano: 1875)



(Autora pesquisando história cultural dos surdos em INES / 2007)

Está havendo uma política em rumo apelidada de “inclusão”, a sociedade começa a perceber a existência do povo surdo e procura se organizar para recebê-los de forma adequada, e os próprios sujeitos surdos começam a exigir seus espaços, sua representação de diferença cultural lingüística.

A inclusão não ocorre somente nas escolas, pode ocorrer também nos restaurantes, nos shoppings, nos trabalhos, nos órgãos públicos, nas lojas, nas igrejas e em outros ambientes de interação humana.

Quando comentamos em “incluir”, obviamente é porque tem sujeitos que estão “excluídas” isto é, estão fora.

Ao longo dos séculos na história dos surdos, o poder ouvintista tendem a impor sua cultura ouvinte sobre os demais povos surdos debaixo de sua área de influência, resultando desta mescla os conflitos de representações e de identidades surdas.

Durante muito tempo, devido ao processo de imposição cultural ouvinte no povo surdo, vemos um acesso quase irrestrito à cultura surda, por causa de lutas de relações de poderes em ambos os lados. Mas atualmente o povo surdo luta

com garras e força por reconhecimento da representação de diferença cultural e identidade surda. Silva (2004, p. 133) argumenta:

*“cultura como um campo de produção de significados no qual os diferentes grupos sociais, situados em posições diferenciais de poder, lutam pela imposição de seus significados à sociedade mais ampla. A cultura é, nessa concepção, um campo contestado de significação... (a cultura é um jogo de poder)”.*

Perlin (2004, p. 76), autora surda, afirma: *“Percebe-se que o sujeito surdo esta descentrado de uma cultura e possui outra cultura. Percebe-se o surdo em seu deslocamento da cultura ouvinte ou cultura universal e emergente na problemática da diferença cultural própria”.*

A criança surda faz parte da cultura surda, do povo surdo e tem câmbio com a cultura do povo ouvinte. Quadros (1997) ressalta que, levando-se em conta o aspecto psicossocial da criança surda, ela apresentará uma socialização satisfatória e integrar-se-á no povo ouvinte se tiver desenvolvido uma identidade cultural com o seu grupo; se isto não ocorrer, não se integrará em nenhum dos contextos, terá sérias limitações sociais e lingüísticas.

Porém, alguns aspectos da permuta de cultura ainda não é realidade atualmente para o povo surdo, pois, como já ilustrado no capítulo 5 anterior, a sociedade ainda vê os surdos como “deficientes”, “anormais”, “doentes” e os líderes surdos e membros do povo surdo estão querendo reconhecimento e fortalecimento de suas identidades surdas.

Por isto a preferência de surdos em se relacionar com seus semelhantes fortalece sua identidade e lhes traz segurança, é nos contatos com seus semelhantes que eles se identificam com os outros surdos e encontram relatos e problemas e histórias semelhantes às suas.

Sobre a inclusão social, assim como já comentado anteriormente no capítulo artefato visual, há escassez de recursos visuais que facilitem a acessibilidade dos sujeitos surdos à vida social. Na sociedade, a maioria das anunciações e informações são sonoras e de palavras faladas, ai vai um acontecimento ocorrido: *Eu e minha amiga surda fomos a um grande supermercado reclamar sobre um aparelho doméstico que quebrou após somente quatro meses de uso; no supermercado ale-*

*garam que nós perdemos a garantia porque na hora de compra eles comunicaram que devíamos tirar a nota fiscal emitida pela loja e que o extrato de caixa não tinha valor. Isto foi informado na hora de compra, mas como nós duas somos surdas não "ouvimos" o comunicado e com isto ficamos prejudicadas.*

A inclusão de sujeitos surdos em mercado de trabalho depende das acessibilidades adaptados às necessidades culturais dos mesmos com o local e nos relacionamentos dos seus colegas. Cito exemplos que uma funcionária surda Christiane Elizabeth Righetto<sup>40</sup> – oralizada e tem domínio de língua de sinais – de uma grande empresa de renome, depõe os pontos positivos e negativos dentro do local:

**O que eu gosto:** *de ser aceita como eu sou, diferente e surda – Deficiência auditiva é o termo técnico usado na área da saúde, não faz parte da cultura surda e não sou deficiente auditiva, pois não tenho problema de audição – e também de ser útil e ajudar as pessoas.*

**O que não gosto:** *de assistir palestras e reuniões, porque não entendo o que falam. De ficar no meio das pessoas tagarelando sem entender, participar e acompanhar as tagarelas. De receber informações incompletas e resumidas, como se fosse um tecido com retalhos de pano. De pedir alguém fazer ligações para mim e de receber ligações através de terceiro só obtendo as informações incompletas e curtas. De ser considerada igual aos funcionários ouvintes. De ser mal atendida e compreendida.*

Para a inclusão de sujeitos surdos nas empresas, o ideal seria a contratação dos serviços dos intérpretes e tradutores de língua de sinais para as reuniões, as palestras e os cursos de formações oferecidas.

Também que estas empresas conscientizem das diferenças lingüísticas e culturais dos sujeitos surdos e permitam acessos de cursos de língua de sinais aos funcionários, colegas, amigos, vizinhos, familiares e as comunidades em geral, a fim de permitir que se comuniquem e convivam com os funcionários surdos.

Nas escolas, a educação inclusiva não se refere apenas aos sujeitos surdos, refere-se também a "educação para todos", então vamos refletir, o fato desses sujeitos estarem dentro da escola significa que eles estão incluídos?

A inclusão, um movimento que tem intenção de envolver toda a sociedade, porém a sociedade de inclusão não vê o sujeito surdo como diferença cultural, mas

<sup>40</sup> Agradeço a Christiane Elizabeth Righetto pela contribuição de sua narrativa como exemplo para este livro.

sim como deficientes necessitados da normalização, cujo padrão-modelo é o ouvinte. Então como fica a inclusão dos surdos? Assim como afirma Skliar (1998-b, p. 13) sobre a inclusão de surdos em escolas de ouvintes:

*A distinção entre diversidade e diferença conduz ao debate sobre o lugar que corresponde aos surdos na educação especial e na educação em geral[...] também é necessário romper com a tradição segundo a qual, uma vez reconhecido o fracasso da escola especial, aparece de maneira implacável uma única opção: a escola inclusiva. Isto é, o imperativo da integração escolar dos surdos nas escolas regulares.*

Infelizmente a maioria das escolas seguem espaços não preparados para estas diferenças culturais, como é o caso na inclusão de alunos surdos em escolas regulares. Eles deparam-se com dificuldades de adaptação e com problemas de subjetividades, porque nestas escolas não compartilham suas identidades culturais, assim como reflete a pesquisadora Lopes (1998, p. 111) sobre esta realidade:

*A representação do surdo como um doente dificulta a organização política desses para reivindicar seus direitos na escola, na mídia e nos lugares públicos. A identidade do sujeito surdo, sob a ótica da representação realista, busca se adaptar ao seu déficit auditivo e à superação da deficiência por outras atividades chamadas de compensatórias.*

Como começou a inclusão de surdos nas escolas regulares? Com a Declaração de Salamanca,<sup>41</sup> a política evidenciada na Declaração de Salamanca foi adotada na maioria dos países e na elaboração da Lei de Diretrizes e Bases da Educação, Lei n. 9394/96, observamos que no capítulo sobre a educação especial apóia-se e inclui-se parâmetros para a integração/inclusão do aluno especial na escola regular. A Declaração faz advertência à situação lingüística dos surdos e defende as escolas e classes para eles, item 30.

Foi aprovada uma lei, só que em que constava esta lei? Permitir aos sujeitos surdos o acesso ao ensino regular, mas onde estavam os professores preparados? Qual era a infra-estrutura das portas que eram abertas ao povo surdo nas escolas? O problema é que estas escolas ainda não respeitam essa advertência e continuam tratando os sujeitos surdos como os demais alunos.

<sup>41</sup> A Declaração de Salamanca: Reconvocando as várias declarações das Nações Unidas que culminaram no documento das Nações Unidas "Regras Padrões sobre Equalização de Oportunidades para Pessoas com Deficiências", o qual demanda os Estados assegurem que a educação de pessoas com deficiências seja parte integrante do sistema educacional.

[...] os alunos surdos ficarão em classes de ouvintes, sendo que a língua de maior prestígio será a da professora e dos alunos ouvintes. Os surdos, embora possam receber a tradução simultaneamente do “ensinado” que estiver acontecendo em sala de aula, terá de estudar em português e fazer suas provas nessa língua. (FELIPE, 2003, p. 87)

*Fui uma adolescente revoltada e vivia isolada porque a escola oralista orientou a minha família que eu não poderia ter contato com outros sujeitos surdos adultos, havia muitos estereótipos<sup>42</sup> em relação a língua de sinais e, conseqüentemente, não tinha amigos surdos e nem ouvintes. Os adolescentes ouvintes me achavam chata por eu ter comunicação limitada e sem graça e se afastavam. Então me isolava, me fechava no quarto e chorava todos os dias dizendo que era castigo de Deus por ter me feita surda e queria morrer, já que na vida não tinha espaço para mim. Isto é inclusão? É inclusão a pessoa ouvinte resolver o que é melhor para o sujeito surdo sem “sentir na própria pele” as dificuldades e os sofrimentos dos surdos?*

Em conseqüência do Congresso de Milão, que tem proibido por muitos anos os surdos a usarem a língua de sinais, ela sobreviveu graças a resistência do povo surdo contra esta prática ouvintista. Muitas crianças em escolas para surdos, quando a língua de sinais é proibida, muitas vezes a praticam as escondidas entre si, assim como relata autora surda durante a sua infância na escola de surdos:

*Quando um de professores se virava para escrever no quadro-negro, tínhamos hábito de trocar informações na língua de sinais, persuadidos de que ele não nos escutava, já que não nos via. Ora, no começo, ele se voltava todas as vezes, era estranho, não compreendíamos imediatamente por quê. Com o passar do tempo, dei-me conta de que, ao falar com as mãos, sem saber, emitíamos ruídos com a boca. Cuidamos então de não mais emitir nenhum som e, desde aquele dia, trocamos nossas lições o mais tranqüilamente possível. (LABORITT, 1994, p. 84)*

Desta maneira, a “inclusão” de sujeitos surdos na escola, tendo-se a língua portuguesa como principal forma de comunicação, nos faz questionar bem se a inclusão oferecida significa integrar o surdo? Na verdade a palavra correta para as

<sup>42</sup> Estereótipos negativos sobre língua de sinais: se o surdo aprender a língua de sinais não irá se integrar à sociedade, que irá desaprender a falar, que o surdo ficará mudo, que a língua de sinais é uma língua pobre e mímica, que não transmite idéias abstratas e tantos outros.

experiências desenvolvidas não é “inclusão”, e sim uma forçada “adaptação” com a situação do dia-a-dia dentro de escola de ouvintes.

*Durante o recreio durante minha vida escolar (escola de ouvintes), no pátio de escola onde muitas crianças brincavam, eu ficava ao lado da pipoqueira, uma senhora mulata simples e sorridente; eu ficava quietinha, sozinha alheia de tudo e não tinha um ar muito contente, muitas vezes esta pipoqueira simpaticizava comigo, me dava pipoca de graça e sorria. Fiquei muito triste quanto soube que ela morreu atropelada, perdera a única amiga da escola que, mesmo sem palavras, se comunicava comigo através de sorrisos e gestos amigáveis.*

Eu me sentia como uma pessoa estrangeira<sup>43</sup> no meio ambiente escolar era tão tímida que ficava isolada a maior parte de tempo tendo apenas uma ou outra colega ouvinte que me ajudava. Skliar (1998, p. 36) esclarece esta situação: “Os depoimentos de alunos surdos que passaram pelo ensino regular sem uma metodologia específica mostram como eles se sentem estrangeiros e marginalizados nessa situação [...]”

Trago de novo algumas experiências em escola de ouvintes durante a minha infância:

*Uma vez entrei na sala de aula e todos entregaram trabalho para o professor; eu fiquei surpresa e perguntei: “que trabalho?”. Os colegas disseram que o professor avisou verbalmente na última aula, só que ninguém se lembrou de me avisar. Isto também aconteceu com as provas marcadas e depois, na hora, me dava mal por não ter estudado.*

*Então, quanto me cobrava a leitura labial, eu arrumava todas as “desculpas” possíveis para escapar daquela situação, inclusivamente disse uma vez que o professor tinha bigode enorme por isto não o entendia. A direção obrigou-o a tirar o bigode, o que ele fez, e fiquei muito sem graça porque continuei não entendendo e para piorar, ele ficou horrível com os lábios muito finos. Então a partir daí desde infância até a faculdade comecei a fingir que entendia tudo.*

<sup>43</sup> Surdos se sentem estrangeiros em comunidade ouvinte quanto a mesma só usam a língua portuguesa, que é considerada como segunda língua para os surdos. Então o uso de uma cultura e língua diferente de sua é estrangeirismo, o mesmo sentido como os sujeitos ouvinte dizem: “peixe fora d’água”.

Isto era muito comum o que acontecem com os sujeitos surdos, fingir que compreendem tudo como estratégia de sobrevivência, assim como explica a autora Botelho (2002, p. 19):

*[...] muito freqüentemente os surdos usam a “simulação de compreensão”, isto é, fingem que compreendem e que sabem, para evitar constrangimento na tensão da comunicação e para que passem despercebidos, aprendem a ocultar o sofrimento pelo temor e vergonha de não ser como todo mundo, isto torna coisas piores porque aparenta ausência de problemas e reforça o equívoco de que a escola regular é possível para todos os surdos [...]*

Na inclusão é mais difícil quanto as crianças surdas não estão preparadas e ficam totalmente à mercê dos professores não usuários de língua de sinais e de colegas ouvintes que fazem muitas brincadeiras rotineiras da cultura ouvinte como por exemplo o “telefone-sem-fio”, “cirandinha” e outros, Strobel (2006, p. 250) afirma que:

*Como uma criança surda poderá desenvolver uma língua se não houver uma identificação com o surdo adulto? Como o sujeito surdo poderá fazer uma identificação com relação à sua identidade surda no futuro, se ele não conviver com outros surdos que façam uso da língua de sinais? Quem foi que disse que é só o sujeito surdo utilizar-se da língua de sinais que por um “passe de mágica” ele passará a ter uma aprendizagem total? E a cultura como fica?*

São raros os professores habilitados para trabalhar com os alunos surdos em sala de aula. Na maioria dos cursos de Pedagogia nas universidades não tinham estas especializações para esta área – somente agora salvo pelo decreto n. 5.626, de 22 de dezembro de 2005 que dá a obrigatoriedade das aberturas de cursos de Libras nestes cursos, as coisas podem melhorar futuramente –, voltando ao assunto a respeito da falta de preparo dos profissionais que entendam e conheçam a cultura surda, cito um exemplo de uma surda, estudante de pedagogia:

*Uma vez na faculdade, durante muitos anos no curso de pedagogia sempre discutiram muito sobre a importância de inclusão de surdos nas escolas regulares, etc. Em uma ocasião, a professora psicóloga fez uma atividade que consistia que cada um dos alunos dizer a qualidade da pessoa escolhida e presentearia com um bombom e assim por diante. No final de tudo, já presenteados seus colegas escolhidos, nos sobram duas surdas, a intérprete e a minha mãe, a última colega ouvinte escolheu a intérprete*

*para presentear e ela sem graça, sem saber qual de nos duas escolheria para presentear e disse, que escolheria nos duas juntas, a professora impediu-a dizendo que não pode e teria que escolher uma, então a intérprete chateada presenteou a minha mãe com um bombom. A minha mãe, na vez dela levantou, vendo a nossa mágoa e caras de choramingo e disse a professora e a todos os colegas de pedagogia: isto se chama a inclusão? Vocês demonstraram na prática que “excluíram” as duas surdas! (STROBEL, 2006, p. 249)*

Em outras palavras, quem está perdendo com isso tudo são os sujeitos surdo. As crianças surdas em vez de aprender aumentam-lhes dúvidas e questionamentos como exemplifica Lane (1992, p. 39):

*[...] A típica criança surda, que nasceu surda ou que ficou surda antes de aprender o inglês, esta completamente perdida no banco da turma de ouvintes. O que diz o professor? Como lhe posso tornar claros os meus pensamentos? O que posso fazer para ser aceito pelas outras crianças? Esta aqui alguém presente que me possa explicar certas coisas depois das aulas?*

Exponho abaixo os comportamentos que evidenciam as diferenças culturais de sujeito surdo e de sujeito ouvinte na mesma aula, mesmo com a presença do intérprete de língua de sinais:

*Quando o professor fala durante as aulas, eu tenho de prestar atenção olhando para o intérprete, não posso desviar o olhar para fazer anotações no caderno como os outros alunos ouvintes fazem, senão perco as informações transmitidas pelo intérprete – isto é ruim, porque não tenho como revisar o que foi dito durante as aulas. Nas aulas de matemática, o professor faz cálculos em quadro-negro, eu não consigo olhar para o quadro e ao intérprete ao mesmo tempo, por isto sempre tenho de estudar fora de escola para entender e tirar notas boas.*

O ideal é compartilhar as experiências das escolas culturais de diferentes espaços para que possam ter continuidade e ampliação da pedagogia cultural, por exemplo: em Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, o curso LETRAS/LIBRAS aceita prova em língua de sinais e com isto as outras universidades poderão aceitar e isso entre outros artefatos culturais, são exemplos da interculturalidade que vão moldando às nossas maneiras de ser e de viver.

Reforço o pensamento de Skliar (1998): Estudos Surdos se constituem enquanto um programa de pesquisa em educação, onde as identidades, as línguas, os projetos educacionais, a história, a arte, as comunidades e as culturas surdas são focalizadas e entendidas a partir da diferença, a partir do seu reconhecimento político, trago segundo o Fleuri (2001, p. 117):

*[...] A perspectiva multicultural reconhece as diferenças étnicas, culturais e religiosas entre grupos que coabitam no mesmo contexto. O educador que assume uma perspectiva multicultural considera a diversidade cultural como um fato, do qual se toma consciência, procurando adaptar-lhe uma proposta educativa. Adaptar-se, neste sentido, significa limitar os danos sobre si e sobre os outros. Mas o educador passa na perspectiva multicultural à intercultural quando constrói um “projeto educativo intencional” para promover a relação entre pessoas de culturas diferentes.*

A função social da cultura, da escola, os papéis dos professores em contextos de mudanças fazem com que eles se vão adaptando às nossas necessidades culturais, aos nossos desejos, aos nossos relacionamentos, aos nossos “eus” privado e público, enfim, vão modelando nossas subjetividades e construindo as identidades deste andamento. Segue um comentário do líder surdo Antonio Campos:

*[...] para alívio nosso a sociedade recebe melhor os surdos, inclusive em universidades. As pessoas já convivem bem com o surdo, respeitam sua identidade e o Governo tem cumprido as leis que dizem respeito à inclusão. Antes, a relação dos surdos com a sociedade era difícil, conflituosa e as pessoas tinham um sentimento de piedade pelo surdo. A criação de leis e decretos que favorecem a inclusão do surdo, a criação do Prolibras também têm contribuído muito. (GISELE, 2007)*

A criança surda necessita de professores surdos usuários naturais de língua de sinais e cultura própria em seu processo de construção de identidade e educacional. O imaginado é que os sujeitos surdos tenham contato com os outros surdos que constituem o povo surdo, onde acontece o seu desenvolvimento como sujeito diferente, sendo um centro de encontro com o semelhante para que desenvolva sua identidade cultural, por isto estes defendem a importância de termos escola de surdos, segundo diz Quadros (2006, p. 35):

*Desse modo, os surdos sonham com espaços em que a língua de sinais seja a língua de instrução, em um ambiente cultural e social que favoreça*

*o fortalecimento das heranças surdas para a consolidação de um grupo que se diferencia a partir da experiência visual.*

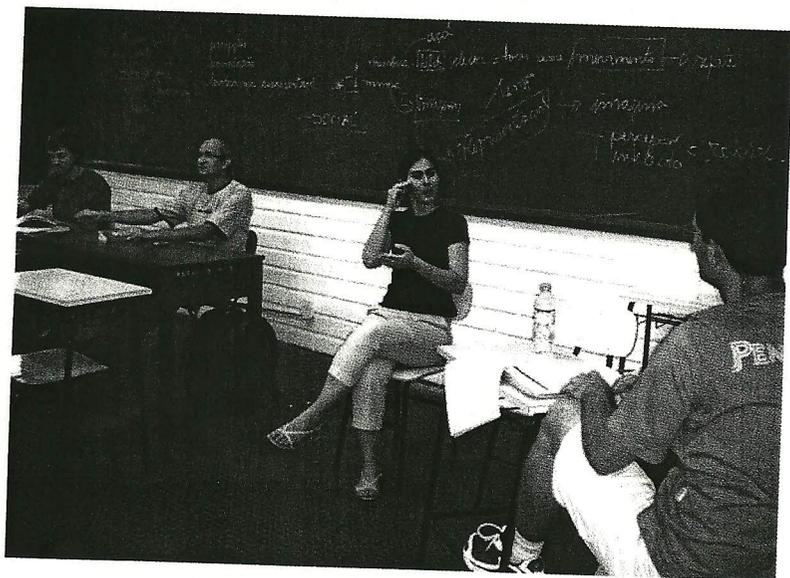
Apresento a seguir a narrativa interessante de uma surda mestrandia Shirley Vilhalva em uma ocasião de quando fez uma das suas visitas em escolas indígenas, em contato marcante com uma índia kaxinawa<sup>44</sup> a fez refletir do seu “eu-surda” na inclusão social:

*Fiz minha pergunta para uma grande mestra idosa índia com o acompanhamento da interpretação em libras, a pergunta era sobre a relação de como ela entendia o projeto índio surdo e a questão em que se encontram quando os jovens estudantes índios vêm tendo processo de tal uma formação dentro da pedagogia indígena, sabendo que sempre foi uma exigência do sistema aplicado da pedagogia urbana, conhecida como “pedagogia dos brancos”. A resposta dela: para ser aceita e sobreviver, precisei adotar a cultura dos não-índios deixando de lado a minha cultura indígena, precisei aprender a língua do branco e esquecer a minha, pois a língua deles tem mais poder de vida lá fora, precisei da pedagogia dos brancos, pois o meu sistema dentro da pedagogia indígena não tinha mesma validade que a deles. Hoje vejo os jovens índios sem saber relatarem o seu passado histórico por desconhecerem o valor cultural que os mesmos têm. Os brancos que ontem vieram para colocar a sua língua nos índios, vêm hoje trazer de volta a língua que nos tiraram, anseiam que os índios voltem e reconstruam sua origem. E assim, eu refletindo em comparação dos índios com os surdos, digo que nós surdos tivemos que deixar de “ser surdo” e passar a ser um ouvinte, pois “ser ouvinte” é ser aceito. Tivemos que arrancar e esconder a nossa cultura surda, porque era a parte das exigências para dar status a uma única língua oral, pois para eles a língua espontânea dos surdos era a errada. Na realidade, “ser surdo” tinha que ser escondido para aparecer anonimamente “ser ouvinte” para ser aceito na sociedade. Os surdos mantêm o seu mundo, a sua cultura, a sua língua e se escondem de sua comunidade para sobreviver num espaço da maioria. (SHIRLEY VILHALVA)<sup>45</sup>*

Matutando sobre estas propostas da in (ex)clusão, para o povo surdo já passaram por muitos anos de humilhações e de sofrimentos nos quais os sujeitos surdos choraram para que em seguida erguerem a cabeça com orgulho de suas identidades

<sup>44</sup> Uma das etnias dos índios.

<sup>45</sup> Depoimento transcrito na íntegra, sem revisões.



(Uma Interprete em uma aula com alunos surdos mestrands e doutorandos em UFSC)

indo às suas lutas pela inclusão de verdade. Os povos surdos hoje mais abertos culturalmente não se submetem mais e gritam alto “chega de mania de normalização, de reabilitação” porque eles estão mais conscientes lá, de onde eram sempre tomadas as decisões por eles e para eles, os povos surdos unicamente querem uma escola onde lhes permitam a aprender e não fingir que sabem!

Para finalizar este capítulo, cito um poema “Lamento Oculto de um Surdo” feito por Vilhalva (2004), pedagoga surda, que nos faz refletir:

*Quantas vezes eu pedi uma Escola de Surdo e  
você achou melhor uma escola de ouvinte.  
Várias vezes eu sinalizei as minha necessidades e  
você as ignorou, colocando as suas idéias no lugar.  
Quantas vezes levantei a mão para expor minhas idéias  
e você não viu.*

*Só prevaleceram os seus objetivos ou  
você tentava me influenciar com a história*

*de que a Lei agora é essa. e  
que a Escola de Surdo não pode existir  
por estar no momento da “Inclusão”.  
Eu fiquei esperando mais uma vez...  
em meu pensamento...  
Ser Surdo de Direito é ser “ouvido”...  
é quando levanto a minha mão e  
você me permite mostrar o melhor caminho  
dentro de minhas necessidades.  
Se você Ouvinte me representa,  
leve os meus ensejos e as minhas solicitações  
como eu almejo  
e não que você pensa como deve ser.  
No meu direito de escolha,  
pulsa dentro de mim:  
Vida, Língua, Educação, Cultura  
e um Direito de ser Surdo.  
Entenda somente isso!*